



UM ESTUDO HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DO MARCADOR DISCURSIVO “TÁ LIGADO?”

Sérgio Casimiro (IEL-UNICAMP)¹
sergiomyro@yahoo.com.br

RESUMO: A fala popular urbana paulista apresenta o uso de marcadores discursivos, como “tá ligado?”, como um recurso estratégico que estiliza esse registro linguístico (cf. Bentes e Mariano, 2013; Mariano, 2014). A partir disso, o objetivo deste trabalho é descrever as mudanças históricas do verbo “ligar” até a formação do marcador discursivo “tá ligado”, em textos históricos do português e na fala popular urbana paulista e discutir qual os possíveis processos de mudança linguística desse Marcador Discursivo, a partir da Gramaticalização (cf. Lehman, 1985, 2002; Hopper, 1991; Traugott, 1995) e da Discursivização (cf. Martelotta et al., 1996; Ocampo, 2006; Valle, 2000). Os *corpora* empregados para a análise dos usos de “ligar” à “tá ligado?” constituem-se de textos históricos e contemporâneos (orais e escritos) encontrados no Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM), no Corpus do Português e no SP2010, além de letras de rap e de *funk* de diferentes rappers e MCs paulistas.

PALAVRAS-CHAVE: Marcador Discursivo, Gramaticalização, Discursivização, Mudança Linguística.

ABSTRACT: The popular urban speech of São Paulo presents the use of discursive markers, such as “tá ligado?”, as a strategic resource that stylizes this linguistic register (cf. Bentes and Mariano, 2013; Mariano, 2014). From this, the objective of this work is to describe the historical changes of the verb “ligar” until the formation of the discursive marker “tá ligado”, in historical texts of Portuguese and in the popular urban speech of São Paulo and to discuss the possible processes of linguistic change of this Discursive Marker, based on Grammaticalization (cf. Lehman, 1985, 2002; Hopper, 1991; Traugott, 1995) and Discursivization (cf. Martelotta et al., 1996; Ocampo, 2006; Valle, 2000). The *corpora* used for the analysis of the uses of “ligar” to “tá ligado?” are made up of historical and contemporary texts (oral and written) found in the Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM), in the Corpus do Português and in SP2010, in addition to of rap and funk lyrics from different rappers and MCs from São Paulo.

KEYWORDS: Discourse Markers, Grammaticalization, Discursivization, Linguistic Change.

1. INTRODUÇÃO

A variedade da fala popular urbana paulista chamada de “fala dos manos” é bastante difundida por letras de rap e de funk, tendo vários representantes que iconizam esse registro, como o rapper Mano Brown, do “Racionais MC”, e o funkeiro MC Daleste (*in memoriam*). Tal variedade do português ainda pode aparecer na mídia seja

¹ Doutorando do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: sergiomyro@yahoo.com.br



em programas que valorizam a cultura popular urbana como o “Manos e Minas”, exibido pela TV Cultura desde 2008, ou de forma pejorativa e/ou estereotipada, como no esquete de rádio “as tretas do piolho”, apresentado por grandes emissoras de rádio como Jovem Pan e Educadora Fm.

Não são recentes os estudos que descrevem o uso de determinados recursos lexicais ou gramaticais como característicos da fala popular urbana. No Brasil, Freitag (2008), por exemplo, ao estudar o dialeto da cidade de Itabaiana, no Sergipe, caracteriza o uso de Marcadores Discursivos (doravante MD) como importantes estratégias discursivas da fala regional. Para ela, os MDs “são formas variáveis, sensíveis aos contextos sociocultural e regional” e, para tanto, “se faz necessário realizar um levantamento em cada localidade”. Além dela, Valle (2014) e Görski e Valle (2014) apontam construções identitárias relacionadas ao uso de MDs na fala de Florianópolis. Também Mariano (2014) e Bentes et al. (2013) mostram o uso de certos marcadores discursivos, dentre os quais o “tá ligado?”, como um recurso estratégico que estiliza a fala dos moradores da periferia de grandes cidades como São Paulo e Campinas. A percepção de “tá ligado” relacionada a uma fala urbana paulista também aparece no *corpus* SP2010 (MENDES, 2013), em que uma informante, moradora da periferia da Zona Leste de São Paulo, ao ser questionada pelo entrevistador sobre como seria a fala de um paulistano, responde:

eu só acho assim que ah ficou 'meu' 'falou' '**está ligado**' uma juventude fala meio assim né:: '**está ligado**' 'falou' né:: puxa mais fala com um pouco de gíria né alguma coisa assim desse tipo (SP 2010, RuthC)

Além de caracterizar a fala dos “manos”, os diferentes usos de “tá ligado” nos fazem pensar numa outra questão que está relacionada ao processo de mudança da língua. Que processos diacrônicos estariam envolvidos na constituição do marcador discursivo, que originalmente seria um predicado de estado?

Podemos pensar em diferentes formas que são constituídas por “ligar” e por “estar ligado(a)”, para, finalmente, chegar a “tá ligado”, tal como nos exemplos abaixo:

- i) Eu liguei a geladeira.
- ii) A geladeira ligou.
- iii) A geladeira (es)tá ligada.
- iv) A geladeira (es)tá ligada na tomada.
- v) Eu tô ligado em você.
- vi) (Cê) tá ligado que eu te conheço?
- vii) Eu te conheço, tá ligado?

Nos exemplos (i) e (ii), observamos que o verbo “ligar” atua como verbo pleno ou predicador (cf. Dik, 1997). Em (iii) e (iv), ele deixa de atuar como verbo pleno e passa a exercer a função de adjetivo. Observemos que, nestes casos, já pode haver uma redução fonológica do verbo estar para “tá”. A partir de (v), ele passa a se associar ao verbo “estar”, na forma de uma construção, ganhando novos usos e sentidos. Mas o que mais intriga é a diferença entre (vi) e (vii), em que “tá ligado” deixa de exercer função predicadora para atuar como MD (cf. Mariano, 2014) ou, nos termos de Dik (1997), como constituintes extra frasais (*Extra Clausal Constituents*).

Ao observar esses exemplos, entendemos que estamos diante de um processo de mudança linguística, cujos mecanismos são precisos lucidar. Quais seriam, então, os processos pelo qual se origina esse marcador discursivo no português e, sobretudo, na fala popular urbana? Quais seriam as motivações sintáticas, semânticas e pragmático-discursivas para que tal processo ocorra? Como podemos considerar tais usos e tal fenômeno, a partir de teorias que tentam explicar mudanças linguísticas, como a Gramaticalização (cf. Lehman, 1985, 2002; Hopper, 1991; Traugott, 1995) e a Discursivização (cf. Martelotta et al., 1996; Ocampo, 2006; Valle, 2000)?

Neste trabalho, então, tentaremos encontrar algumas possíveis respostas a essas perguntas, tentando: (i) descrever os usos de “ligar” e “tá ligado” na história do português e na fala popular urbana paulista e (ii) discutir o processo de mudança linguística a partir dos diferentes postulados da Gramaticalização e Discursivização.

2. MARCADORES DISCURSIVOS E MUDANÇA LINGUÍSTICA:

2.1. MARCADORES DISCURSIVOS: DIFINIÇÃO E ABORDAGENS

Mesmo em modelos de análise linguística que não abrangem necessariamente os níveis textual-discursivos por excelência, elementos como o “tá ligado” podem ser encontrados e descritos. Simon Dik (1997), por exemplo, em sua Gramática Funcional, reconhece que determinados termos ocupam posições fora da estrutura da oração, o que ele denomina de Constituintes Extrafrasais (*Extra Clausal Constituents*). As funções desses constituintes podem ser de natureza diversa: *i*) gerenciamento da interação, *ii*) especificação de atitude, *iii*) organização do discurso e *iv*) realização do discurso. O que salta aos olhos é o papel textual-discursivo que vários desses termos desempenham, seja para regular a interação entre interlocutores, seja para regular porções linguísticas (coesão textual). Muitos desses termos poderiam ser considerados, assim, como Marcadores Discursivos.

Como aponta Penhavel (2010), definir o que é considerado Marcador Discursivo não é uma tarefa fácil, havendo diversas abordagens que tratam dessa categoria linguística. Risso et al (2006) também afirmam que a quantidade e a diversidade de elementos classificados como Marcadores Discursivos é muito extensa, incluindo elementos de natureza discursiva diversa. A propósito desta dificuldade, Tavares (1999, p.32) chama o grupo de MDs de “saco de gatos”, já que podem incluir, sob essa rubrica, elementos linguísticos muito variados. Os estudos relacionados aos MDs podem estar relacionados à Análise da Conversação, à Pragmática ou ainda à Linguística Textual, como mostra Penhavel (2010). Apesar dessa dificuldade, as diferentes abordagens sobre esses mesmos elementos linguísticos têm entre si alguma semelhança.

Alguns autores reconhecem características comuns a todos os MDs. Como apontam Shiffrin (2001) e Penhavel (2012), uma das características dos MDs é que eles não apresentam autonomia comunicativa, ou seja, têm “um papel subsidiário de apontar para outro elemento, contribuindo de uma certa forma, para o processamento desse elemento” (PENHAVAL, 2012, p.85). Furkó (2014) reconhece sete características típicas do que se chama marcador discursivo: *i*) a não-proposicionalidade e

opcionalidade; ii) a dependência contextual e a multifuncionalidade; iii) a “quase-inicialidade”; iv) associações fracas na oração, redução fonética e escopo variável; v) sentido procedimental e não-composicionalidade; vi) a alta frequência na oralidade e a estigmatização e, por fim, vii) a heterogeneidade de categorias de origem.

Mesmo em meio a essa série de dificuldades, é possível subdividir os diferentes tratamentos dados aos marcadores discursivos. Penhavel (2010, 2012), assim como Schiffrin (2001), reconhece basicamente três abordagens que tratam dos MDs: i) uma abordagem em que os MDs apresentam funções de conexão entre partes do discurso, ii) uma abordagem mais pragmática, em que aos MDs são atribuídas funções de gerenciamento da conversação e iii) uma abordagem que integra tanto a noção de expressões de natureza conectiva quanto a de expressões com funções de gerenciamento da conversação.

Sob uma perspectiva pragmática, encontram-se autores como Fraser (1999, 2009) e Blakemore (2002). Fraser (1999) afirma que, embora os marcadores discursivos sejam chamados de diferentes nomes, como “operadores discursivos”, “conectivos discursivos”, tais expressões apresentam algo em comum: eles impõem uma relação entre algum segmento discursivo de que eles são parte, chamado de S2, e algum aspecto de um segmento discursivo anterior, chamado de S1. Nos termos de Fraser (1999, p.938), “eles funcionam como uma relação de dois lugares, um argumento ligado pelo segmento que ele introduz, e outro ligado por um discurso anterior²”, representado pela forma canônica <S1. MD+S2>. Trata-se, para ele, de uma classe pragmática de expressões lexicais originárias de classes como conjunções, advérbios e alguns sintagmas preposicionais. Fraser (2009) reconhece os Marcadores Pragmáticos como “expressões que ocorrem como parte do segmento de um discurso, mas que não são parte do conteúdo proposicional comunicado e não contribuem para o significado da preposição³” (FRASER, 2009, p.295) e, dentre esses Marcadores Pragmáticos, estão os

² Tradução nossa. No original: (...) *they function like a two-place relation, one argument lying in the segment they introduce, the other lying in the prior discourse.* (Fraser, 1999, p.938).

³ Adaptado do original: *these expressions occur as part of a discourse segment but are not part of the propositional content of the message conveyed, and they do not contribute to the meaning of the*



chamados Marcadores Discursivos, que estabelecem uma relação entre um segmento em que se encontra com um segmento anterior.

Blakemore (2002) vale-se da Teoria da Relevância (Sperber & Wilson, 1986) para explicar o funcionamento dos MDs. Para ela, tais marcadores não apresentam um significado representacional (*representational meaning*) da mesma forma que expressões lexicais como “menino”, “hipótese” etc., têm, mas apresentam apenas um significado procedimental (*procedural meaning*), que consiste em instruções sobre como manipular a representação conceitual de uma expressão. Ela distingue três significados procedimentais relacionados aos MDs: constituir uma implicação contextual para um novo segmento informacional, reforçar uma premissa existente de um novo segmento informacional e contradizer uma premissa existente com relação a um novo segmento informacional.

No âmbito da Análise da Conversação, Fischer (2000) fala em “partículas discursivas” como sendo itens independentes, lexicalizados e idiomáticos que desempenham o papel de sinalizar as trocas e tomadas de fala no processo de interação conversacional. Para ele, existem três principais estratégias no sistema de tomada de turno (*turntaking system*): a tomada de turno (*taking*), a manutenção de turno (*holding*) e a introdução de turno (*yelding*). As partículas discursivas, então, sinalizariam cada uma dessas estratégias na conversação.

Numa outra perspectiva, Schiffrin (2001) adota um ponto de vista que concebe que os MDs atuam no nível da coerência do discurso, estabelecendo-a entre unidades de fala. Ela compartilha alguns pontos de vista com a análise de elementos coesivos de Halliday & Hasan (1976) e argumenta que certas expressões do inglês, como pronomes, conjunções e advérbios têm funções coesivas. Para ela, Marcadores Discursivos “podem ser considerados um conjunto de expressões linguísticas composto de membros de classes de palavras variadas como conjunções (*and, but, or*), interjeições (*oh*), advérbios

proposition, per se. However, they do signal aspects of the message the speaker wishes to convey. (Fraser, 2009, p.295)

(*now, them*) e sintagmas lexicalizados (*y'Know, I mean*)⁴. Ela também propõe uma abordagem sobre MDs que integra tanto funções interacionais quanto ideacionais. No plano interacional, são encontrados MDs que atuam no gerenciamento da interação verbal; no plano ideacional (argumentativo/modalizador), são encontrados MDs que atuam como marcadores da intenção pretendida pelos interlocutores.

De modo muito parecido, para autores da Linguística Textual-Interativa (cf. Jubran e Koch, 2006), os Marcadores Discursivos apresentam funções conectivas e/ou gerenciadoras da interação. Dentro dessa perspectiva, de acordo com Penhavel (2012), os Marcadores Discursivos são “mecanismos que atuam no nível do discurso (aqui entendido como organização textual-interativa), estabelecendo algum tipo de relação entre unidades textuais e/ou entre os interlocutores” (PENHAVAL, 2012, p.1).

Risso (2006) reconhece uma série de MDs no português do Brasil com função de sequenciadores, ou seja, “palavras ou locuções envolvidas no amarramento textual das porções de informações progressivamente liberadas ao longo do evento comunicativo e, simultaneamente, no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional” (RISSO, 2006, p.427). Por outro lado, Urbano (2006) reconhece uma série de MDs com funções interacionais, ou seja, “desempenham, exclusiva ou inclusivamente, a função de basicamente orientadores da interação” (URBANO, 2006, p.497).

Ainda no interior dos estudos da Linguística Textual-interativa, Guerra (2007) propõe subfunções para os marcadores discursivos sequenciadores e interacionais. Para a autora, os MDs sequenciadores podem exercer as funções de i) introdutor de Segmento Tópico, ii) sequenciamento de Segmento Tópico e iii) fechamento de Segmento Tópico. Dentre as subfunções interacionais estão: i) *Feedback*, ii) *Checking*, iii) *Injuntivo*, iv) *Iniciador*, v) *Interpelativo*.

Assim, dentre as múltiplas abordagens, assumimos, para a análise de “tá ligado” neste trabalho, o ponto de vista de que MDs podem apresentar tanto a função conectiva

⁴ No original: I propose that discourse markers could be considered as a set of linguistic expressions comprised of members of word classes as varied as conjunctions (e.g. and, but, or), interjections (oh), adverbs (now, them), and lexicalized phrases (*y'Know, I mean*).” (Shiffrin, 2001, p.57)

quanto a função de gerenciamento da fala. Assim como a perspectiva da Linguística Textual-interativa, entendemos que os MDs, chamados por Risso (2006) de marcadores discursivos sequenciadores, podem regular segmentos linguísticos e MDs, chamados por Urbano (2006) de marcadores discursivos interacionais, podem regular a interação entre os interlocutores. Dessa forma, concordamos com Mariano (2012) que “tá ligado” pode ser entendido como marcador discursivo interacional.

2.2. MUNDAÇA LINGUÍSTICA: TEORIAS EM QUESTÃO

Uma vez que entendemos “tá ligado” como um Marcador Discursivo que caracteriza estilisticamente a performance de falantes da periferia paulista, a questão que se põe é: como se originou esse MD? Quais processos ocorreram para que esse elemento linguístico passasse a desempenhar tal função?

Existe uma série de autores que tentam explicar especificadamente não só o processo de mudança linguística de um modo geral, mas os processos que são específicos aos denominados Marcadores Discursivos. Tentaremos, então, compreender quais são alguns dos estudos em questão que possam trazer luz a essas perguntas.

Inicialmente, quando se fala que um determinado elemento da língua mudou, ao longo do tempo, suas características formais e funcionais, temos em jogo um fenômeno conhecido entre as teorias funcionalistas como Gramaticalização. O primeiro a usar esse termo foi Meillet (1948), para explicar a evolução das formas gramaticais das línguas. Para ele, os elementos gramaticais de uma língua seriam formados a partir de elementos lexicais, num ganho de gramaticalidade. Dessa forma, elementos como substantivos, verbos e pronomes poderiam dar origem a formas como preposições e conjunções. A tese que o autor defende é a de que é o “léxico que alimenta a gramática”, num movimento unidirecional sempre no sentido da sintaxe para a morfologia. É importante, nesse processo de mudança linguística reconhecer, que a gramática de uma língua não é algo pronto e acabado, mas que está em constante mudança e renovação, o que Hopper (1987) denomina de “gramática emergente”.

A partir da década de 1960, uma série de linguistas se empenhou em estudar os fenômenos da Gramaticalização, retomando a análise diacrônica das línguas, que tinha ficado marginalizado nos estudos estruturalistas e gerativistas. Dentre os diversos autores que se interessam por esse fenômeno, Lehman (1985) tenta sistematizar parâmetros de Gramaticalização. Lehmann (1985) identifica seis princípios de gramaticalização: a atrição, em que ocorre a perda fonética ou semântica (*bleaching*) de um item linguístico; a paradigmaticização, em que as construções sintáticas se integram como formas perifrásticas em paradigmas morfológicos, o que conduz a paradigmas progressivamente pequenos e homogêneos; a obrigatoriedade, em que o conjunto categorial representado pelo paradigma se torna progressivamente obrigatório nas sentenças da língua; a condensação, em que quanto mais um signo se gramaticaliza, tanto menos complexos se tornam os constituintes com os quais ele pode combinar-se; a coalescência, que se manifesta da justaposição (via cliticização, aglutinação e fusão) para uma alternância simbólica e, por fim, a fixação, em que o signo gramaticalizado tende a ocupar uma posição fixa inicialmente na sintaxe, e depois na morfologia, tornando-se um preenchedor de espaços gramaticais (*slots*).

Outra autora que traz contribuições para os estudos de gramaticalização é Elizabeth Traugott, abordando também a formação dos MDs. Numa perspectiva diferente de Meillet, que entendia o processo de gramaticalização como um processo de enfraquecimento semântico, Traugott (1991) e Traugott & Dasher (2000) falam em ganho semântico e de subjetividade, ou seja, quanto mais gramaticalizado um termo for, maiores são os significados fundados na atitude ou crença do falante a respeito do que é dito. Tais autores priorizam em seus trabalhos a análise de aspectos semânticos e pragmáticos dos itens linguísticos. A partir do modelo sistêmico-funcional de Halliday & Hasan (1976), Traugott (1982), distingue ainda três componentes: o proposicional, que contém os elementos da língua que permitem ao usuário da língua falar de uma situação; o textual, que comporta os elementos relacionados ao desenvolvimento do discurso; e o expressivo, que agrega os elementos que exprimem as atitudes pessoais em relação a um tema do discurso ou em relação aos outros participantes. Assim, a partir



dessa distinção, ela formula a hipótese de que o processo de gramaticalização segue o *cline*:

PROPOSICIONAL > TEXTUAL > EXPRESSIVO

Outro aspecto importante do fenômeno de Gramaticalização é o princípio da unidirecionalidade. Quem primeiro levantou essa hipótese foi Meillet (1948), ao dizer que a Gramaticalização diz respeito à passagem de uma palavra autônoma ao papel de elemento gramatical. Tal princípio pressupõe que um item menos gramaticalizado sempre caminha em direção a um processo de ganho de gramaticalidade. Kurilowicz (1956) é outro autor que assinala que um item menos gramatical passa a se tornar sempre mais gramatical. Também Givón (2012) assume, como alguns de seus *slogans*, que “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” ou que “a sintaxe de hoje é a pragmática discursiva de ontem”. Porém, tal noção vem sendo questionada por uma série de autores, justamente por conta de processos de mudanças de elementos linguísticos como os marcadores discursivos.

Autores como Castilho (2004, 2006, 2008), em sua abordagem multissistêmica, também questionam o postulado da unidirecionalidade. Para Castilho (2006), a língua tem uma natureza multissistêmica, operando com quatro sistemas independentes: o léxico, a gramática, a semântica e o discurso. O processo de mudança que parte do léxico para a gramática é denominado, por ele, de gramaticalização; o processo que parte do léxico para a semântica, ele trata como semantização, e o processo que parte do léxico rumo o discurso, denomina de discursivização. Portanto, Castilho (2004) prefere falar em multidirecionalidade, uma vez que, a partir do léxico, pode-se formar novas categorias gramaticais em direção à gramática, ao sentido ou ao discurso.

As teorias que tentam explicar a origem dos Marcadores Discursivos são diversas. A depender do autor e do postulado em jogo, podemos analisar o processo de mudança linguística que dá origem a MDs a partir de diferentes concepções: gramaticalização, pós-gramaticalização, pragmaticalização e discursivização. Muitas são as críticas de que os postulados da gramaticalização não dão conta de explicar o processo de mudança linguística que ocorre com determinados elementos da língua.

A noção de pós-gramaticalização aparece em Vincent et al. (1993), em que os autores reveem alguns dos postulados da gramaticalização e sugerem a existência de um processo de mudança linguística que se estende para além da gramaticalização. Para eles, o processo de pós-gramaticalização se aplica aos elementos que têm um campo de ação mais vasto do que aquele cuja gramática dá conta, marcando as relações entre os locutores ou entre o locutor e seu discurso, sem marcar a relação entre os elementos da gramática. Conforme os autores, as categorias pós-gramaticalizadas são diversas e atuam desde um nível interativo até um nível mais desprovido de carga interativa. Eles analisam o caso do MD “né” no português do Brasil. Para Vincet et al. (1993), o “ ‘né’ está passando por um processo de migração através do qual está se distanciando progressivamente da função de interrogativo para agir como um marcador interativo de pedido de aprovação⁵” (VINCENT et al, 1996, p.92).

Outro termo que está em contraste com a gramaticalização é o chamado processo de pragmaticalização. Como aponta Traugott (1995), o termo pragmaticalização foi introduzido por Erman & Kotsinas (1993) e desenvolvido por Aijmer (1997). Como ela mostra, a partir dos estudos de *I think*, Aijmer (1997) defende a distinção entre gramaticalização e pragmaticalização, sendo que esse último processo diz respeito ao uso da construção *I think* no nível discursivo, como MD, e não mais como oração encaixadora, num nível sintático.

Ao analisar *indeed*, *in fact* e *besides* do inglês, Traugott (1995) também menciona a distinção entre gramaticalização e pragmaticalização. No entanto, a autora coloca a formação dos MDs no interior do processo de gramaticalização. Ela adota a concepção de MD usada por Schiffrin (1987), como elementos que atuam no nível da coerência do discurso. Para ela, *indeed*, *in fact* e *besides*, com significados inicialmente adverbiais, vão, ao longo do tempo, adquirindo significados pragmáticos. Traugott (1995) menciona que tais itens se movem ao longo de um *cline* que parte de funções referenciais para funções não referenciais. Os mesmos advérbios, *indeed* e *besides*,

⁵ No original: *Né est passé par un processus de migration a travers duquel il s'est détaché progressivement de sa fonction interrogatif pour agir comme un marquer interactif de demande de approbation.* Vincent et al (1996, p.92).

foram analisados por Traugott & Dasher (2000), tendo o processo de gramaticalização explicado em termos de ganho de subjetividade, uma vez que se associam com as atitudes do falante.

Ainda sobre as diferenças entre gramaticalização e pragmaticalização, Heine (2013) aponta, a partir de trabalhos de alguns autores, que há três perspectivas para se entender esses dois processos: i) a posição de que há dois fenômenos distintos, a gramaticalização e a pragmaticalização; ii) a posição de que a pragmaticalização é um subtipo de gramaticalização; iii) a posição de que não há pragmaticalização, apenas gramaticalização. Ele acrescenta ainda que podem ser incluídas outras duas outras posições: iv) a de que ora pode haver gramaticalização, ora pode haver pragmaticalização; e v) não há nem gramaticalização, nem pragmaticalização. Também Degand & Evers-Vermeul (2015) apontam que as diferenças entre gramaticalização e pragmaticalização são mais do que uma mera terminologia.

Assim, de acordo com Heine (2013) e Degand & Evers-Vermeul (2015), para a primeira perspectiva, de que há dois fenômenos distintos, encontram-se autores como Erman and Kotsinas (1993); Aijmer (1997); Günthner (1999); Frank-Job (2006); Ocampo (2006) e Norde (2009). A segunda perspectiva, de que a pragmaticalização é um subtipo de gramaticalização, inclui autores como Wischer (2000) e Barth and Couper-Kuhlen (2002). Na terceira perspectiva, de que não há pragmaticalização, apenas gramaticalização, estão autores como Traugott (1995); Traugott and Dasher (2000); Brinton and Traugott (2005); Brinton (2008) e Diewald (2011).

Heine (2013) é um dos autores que dizem que nem gramaticalização, nem pragmaticalização são suficientes para explicar a origem dos MDs. Para tal autor, marcadores discursivos envolvem uma operação chamada de *cooptation*, em que unidades de informação, como a oração, a sentença ou palavras, são transferidas do domínio da gramática da sentença para o domínio discursivo. Um dos argumentos que o autor usa para mostrar que gramaticalização e *cooptation* são fenômenos distintos é que a gramaticalização seria um fenômeno gradual, que levaria séculos para se realizar, enquanto a *cooptation* é espontânea.

O trabalho de Ocampo (2006) também aponta que a origem dos marcadores discursivos se dá a partir de um outro processo de mudança linguística. Para ele, o fenômeno que dá origem a essa categoria textual-discursiva é um processo linguístico separado da gramaticalização, que ele chama de discursivização. Ao tentar explicar os processos de mudança de *claro* no espanhol, ele afirma que discursivização é “o processo de mudança diacrônica que termina no discurso e um dos processos que *claro* segue de adjetivo para partícula discursiva⁶” (OCAMPO, 2006, p. 317).

A noção de discursivização também aparece numa série de trabalhos de pesquisadores brasileiros. De acordo com Martelotta (1996), existiria um processo de mudança linguística paralelo à gramaticalização, que ele também dá o nome de discursivização. Para Martelotta et al. (1996, p. 32), tal termo serve para designar o “processo de mudança, que leva o elemento linguístico a perder suas restrições gramaticais, sobretudo de ordenação vocabular, e assumir restrições de caráter pragmático e interativo”. Também Castilho (1997) mostra o processo de discursivização como diferentes de processos que ele chama de gramaticalização e de semantização. Para ele, discursivização diz respeito ao “uso discursivamente relevante de itens lexicais” (p.60) e incluem-se nesse fenômeno itens que se prestam à organização da hierarquia tópica e ao estabelecimento da coesão textual e à manutenção da interação.

Também a direcionalidade que envolve o processo de discursivização é vista de forma distinta daquela proposta por autores como Meillet (1948). De acordo com Martelotta et al. (1996, p. 38), “a trajetória do processo de discursivização é marcada por uma passagem do léxico para o discurso, via gramática. Ou seja, um elemento, inicialmente lexical passa a ser usado com função gramatical e, em seguida, assume função de marcador”. Para ele, teríamos, então, o seguinte percurso:

LÉXICO > GRAMÁTICA > DISCURSO

Valle (2000) também separa os processos de gramaticalização e de discursivização. Ela usa os estudos de Traugott (1995), sobre *ideed*, *in fact* e *besides*,

⁶ No original: “(...) discursivization is the diachronic process that ends in discourse and the one that *claro* follows from adjective to discourse particle” (OCAMPO, 2006, p. 317).

para mostrar que a pesquisadora americana coloca no mesmo rótulo de gramaticalização processos de formação de marcadores discursivos que têm funções distintas, seja atuando textualmente, seja discursivamente. Para Valle (2000), gramaticalização e discursivização são processos diferentes, que abrangem fenômenos gramaticais e extragramaticais, respectivamente. Conforme a autora, as teorias de gramaticalização não dão conta de explicar, por exemplo, o processo de formação de marcadores discursivos com funções interacionais. De acordo com suas palavras, “a gramaticalização parece não dar conta das mudanças que rumam ao nível pragmático-interativo e necessitamos, portanto, que os elementos sob o rótulo de marcadores discursivos sejam distribuídos em, pelo menos, dois subgrupos: um com funções textuais e outro com funções extratextuais” (Valle, 2000, p. 111). Ao analisar o uso de “não tem” na fala de Florianópolis, atuando como verbo pleno e como Marcador Discursivo, Valle (2000) propõe um *continuum* que parte da sintaxe em direção à pragmática. Casos como o de “não tem”, para ela, são híbridos, envolvendo simultaneamente os dois processos: inicialmente, a gramaticalização, com os usos de “não tem” atuando como verbo pleno, e, posteriormente, a discursivização, com os usos de “não tem” como MD interacional, num contínuo gramaticalização > discursivização.

Por fim, em meio a essa série de postulados, assumimos para este trabalho que temos dois processos distintos com relação à mudança linguística: a gramaticalização, que se dá a partir de termos lexicais em direção à gramática, e a discursivização (que é reconhecida como pós-gramaticalização e pragmaticalização), que opera sempre do nível gramatical ou lexical em direção ao discurso.

3. PROCESSOS DE MUDANÇA HISTÓRICA E FORMAÇÃO DE “TÁ LIGADO”: FORMAS E USOS

Foram utilizados diferentes *corpora* para a descrição e análise histórica da formação de “tá ligado”, como o Corpus Informatizado do Português Medieval



(CIPM)⁷, o Corpus do Português⁸ (DAVIES & FERREIRA, 2006), o SP2010⁹ (MENDES, 2013) e letras de RAP e *funk* contemporâneas.

No que diz respeito aos usos contemporâneos de “tá ligado” pela periferia paulista, utilizamos como *corpus* letras de músicas encontradas na internet. Trata-se de exemplos pertencentes a falantes da linguagem popular urbana paulista, como cantores de *funk* e RAP, dentre eles, rappers como Thaíde e DJ Hum, Pavilhão 9 e Racionais MC, em letras que datam desde a década de 1990, e cantores de *funk*, como MC Daleste, MC Cabelinho, MC Frank, MC Kevin, MC Leozinho, Haikais e DusKara, em letras mais atuais da década de 2010. Todas as músicas observadas apresentavam pelo menos uma ocorrência de “tá ligado”. Juntamente com essas letras, foi usada também a fala de Mano Brown, rapper do Racionais MC, em sua entrevista ao programa Roda Viva da TV Cultura, em 25.09.2007.

Ao observar os dados nesses *corpora*, verificamos as seguintes manifestações do verbo “ligar” em processo de mudança até a formação do marcador discursivo “tá ligado”:

3.1 VERBO PLENO (LIGAR/LIGAR-SE):

Uma das primeiras formas em que “ligar” aparece é como verbo pleno. Como aponta Ferreira (1999), tal verbo tem origem do latim *ligare*. Em uma das documentações mais antigas da língua portuguesa, o dicionário de Raphael Bluteau¹⁰ (1728) identifica o verbo “liar” como forma variante ao verbo “ligar”. Seus significados, reconhecidos pelo dicionário do século XVIII, estão relacionados a:

⁷ XAVIER, M.F. & CRISPIM, M.L. Corpus Informatizado do Português Medieval. 2011. Disponível em <http://cipm.fesh.unl.pt/>. Acessado em 8 de janeiro de 2018.

⁸ DAVIES, M. & FERREIRA, M. *Corpus do Português. (45 milhões de palavras do século XV a XX)*. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/>. Acessado em 8 de janeiro de 2018.

⁹ MENDES, R.B. Projeto SP2010: Amostra da fala paulistana. 2013. Disponível em <http://projetosp2010.fflch.usp.br/>. Acesso em 8 de janeiro de 2018.

¹⁰ Disponível no site da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin/USP: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/> Acessado em: 4 de janeiro de 2018.

Ligar. Liar: 1. Atar; 2. Ligar metais; 3. Ligar (metaforicamente), ligar os sentidos com brandas palavras; 4. Ligar com benefícios; 5. Ligar por feitiçaria: diz-se de uns malefícios, que na opinião do vulgo fazem ao noivo incapaz de consumir o matrimônio ou ao homem casado impotente. (BLUTEAU, 1728, p. 125).

Também no século XVIII, o dicionário de Antônio de Morais Silva¹¹ (1789, p. 224) reconhece significados semelhantes aos de Bluteau:

Ligar: 1. Liar, atar; 2. Prender, suspender; 3. Ligar os sentidos, os ânimos com boas palavras; 4. Obrigiar; 5. Ligar alguém a si por benefícios; 6. Ligar um homem, fazê-lo impotente por feitiçaria; 7. Ligar metais, misturar um com o outro; 8. Ligar as figuras, na música, uni-las com certo traço de pena. (MORAIS SILVA, 1789, p.224).

Dentre os dados do Corpus Informatizado do Português Medieval, a forma “liar” aparece como mais antiga que “ligar”. Encontramos “liar” em documentos do século 13 (uma ocorrência em “Cantigas de Santa Maria” de Afonso X, 1264-1284), século 14 (uma ocorrência em Alphonse X, Primeyra Partida, 1350) e século 15 (sete ocorrências em Demanda do Santo Graal, sem ano). Já o verbo “ligar” aparece em um texto do século 15 (três ocorrências em Sacramental, de Chaves, 1488). Nessas ocorrências, “ligar” apresenta sentido prototípico de “prender”, tal como se vê abaixo:

(1) (...) ally sse emprime e he posto o carater na alma e aquy lhe da poderyo pera que posa **ligar** e absolver e as chaves pera çerrar e abrir. (Sacramental, Chaves, 1488).

Ao longo dos séculos 17, 18 e 19, a semântica do verbo “ligar” não apresentou grandes diferenças desses significados mais prototípicos, descritos inicialmente pelos dicionários Bluteau (1728) e Morais Silva (1789). No Corpus do Português, em textos

¹¹ Idem.



do século 19, foram encontradas 399 formas de “ligar” no infinitivo, em que dessas, somente 11 apresentam significado diferentes de “unir”, “prender”, como em:

(2) que ele não acompanhasse de corpo presente, fingindo **ligar** a isso grande atenção e derramando-se em longos discursos talhados ao sabor do auditório que encontrava. (Aluísio Azevedo, O coruja).

(3) Não deve, pois, **ligar** importância no que ela diz, nem permitir que esta cigana de mau olhar queira torná-lo o instrumento das suas vinganças pessoais. - Sim. Falemos de Zabanila. (Bilac, O esqueleto, 1890).

Em um dos primeiros dicionários do século XX, o Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Cândido Figueiredo (1913, p.1192), “ligar” ainda é apontado como um verbo com sentidos de “juntar, unir”, “enlaçar”, “misturar, reunir”, “estabelecer conexão”, não muito diferente do que já apontava Bluteau (1728).

Ao que parece, pelas ocorrências datadas de “ligar” (no infinitivo), encontradas no Corpus do Português, o século 20 foi o período com mais mudanças semânticas deste verbo. Com o surgimento das primeiras usinas hidrelétricas¹² no Brasil e dos primeiros aparelhos eletrônicos, “ligar” ganhou o sentido de “ligar a corrente elétrica”, “fazer funcionar um aparelho”. A primeira ocorrência datada no Corpus do Português, com esse sentido, é de 1912:

(4) E voltou-se para o Huguinho: - Vá **ligar** a rádio, que daqui a bocado devem começar a transmitir o concerto da Suggia. (Abelhas doiradas, Júlio Dantas, 1912)

Curiosamente, em outras línguas latinas, o verbo relacionado a “fazer funcionar um aparelho”, ou diz respeito à ideia de “unir”, como em espanhol “conectar la radio”, ou à ideia de “acender”, como em francês “allumer la radio” ou em italiano “accendi la radio”.

¹² Conforme o histórico do site da CEMIG: http://www.cemig.com.br/pt-br/a_cemig/Nossa_Historia/Paginas/historia_da_eletricidade_no_brasil.aspx. Consultado em: 4 de janeiro de 2018



Como se vê, inovações tecnológicas passaram a mudar o sentido de “ligar” no português. O mesmo acontece com o uso de “ligar” com sentido de “fazer ligação telefônica”. A invenção chega ao Brasil em 1877 com Dom Pedro I¹³ e somente em 1935 a CTB instala o primeiro posto público de telefone no Rio de Janeiro. A ocorrência datada mais antiga no Corpus do Português com esse sentido é de 1943:

(5) O Araújo semelha rafeiro que o dono tenha enxotado; de orelha murcha, já nem dedilha a guitarra. Vagueia em robe, pelo quarto, ou ensaia **ligar** o telefone para casa da Enide. (A cidade do vício, Fialho D’Almeida, 1943)

Mais recentemente, dicionários, como o Aurélio, reconhecem também para o verbo “ligar” o sentido de “prestar atenção, atender” (FERREIRA, 1999, p.1212). No Corpus do Português, a ocorrência datada mais antiga, com sentido de “dar importância”, “dar atenção”, é de 1935:

(6) Ah! Senhor! É melhor não **ligar pra** esta miséria de vida! Foi para o piano. (Antônio da Alcântara Machado, 1935).

Já nas letras de música observadas, na fala dos “manos”, foram encontradas ocorrências de um uso pronominal do verbo “ligar”, como “ligar-se” ou “ligar-se em”, com sentido de “prestar atenção” (verbo de cognição/percepção). Dentre elas, há ocorrências mais antigas em “Revolução”, de 1996, de Thaíde e DJ Hum, e ocorrências em letras de funk da década de 2010, respectivamente:

(7) Todos sabemos, que temos nossos anseios e as vezes quem me liga não **se liga** e se ficasse mais ligado as coisas. (Thaíde e DJ Hum, Revolução, 1996)

¹³ Conforme site: <http://museudatelecomunicacoes.org.br/historia-das-telecomunicacoes/>. Consultado em 4 de janeiro de 2018.

(8) Tudo por você, Xis, é como você diz. A cultura permanece de pé, de mão em mão. Fé em permanecer, mas **se liga no** seu proceder. (Moralina, Haikais, 2014).

Também no Corpus SP2010 encontramos uma ocorrência de “ligar-se em”, com sentido de “ficar atento”, “prestar atenção”, “perceber” (verbo de cognição/percepção), usado por uma moradora da periferia de São Paulo:

(9) vou começar/ a gente às vezes **se liga no** sotaque. (SP2010, MarietaS)

A semântica do verbo “ligar” foi se modificando, ao longo do século XX, em decorrência do processo de metáfora (cf. Heine et al., 1991a; Gonçalves, 2003). Podemos constatar que o tipo de sujeito, o estado-de-coisas (cf. Dik, 1997) e o complemento do verbo interferem na interpretação que pode ser feita. O traço semântico do sujeito como [+ humano] ou [- humano] e estado-de-coisas com os traços [+ controle] ou [- controle] podem afetar os sentidos de “ligar/ligar-se”. Temos como exemplos de sujeito [- humano] e [+ humano] o caso de “a ponte liga as duas margens do rio” (sentido de “unir”) e “você liga para isso?” (sentido de “importar-se”).

O tipo de preposição que introduz o complemento verbal tem relação direta com os novos sentidos que “ligar” foi ganhando. Teríamos duas situações principais:

- a) Sujeito [+ humano] ligar para = “importar-se”;
- b) Sujeito [+ humano] ligar-se em = “prestar atenção”, “ficar atento”.

No caso de (b), o uso de pronome reflexivo também é de grande importância no processo de mudança semântica: a ideia de “fazer funcionar um aparelho eletrônico” foi estendida para o ser humano.

A polaridade da frase também pode interferir nos significados do verbo ligar. Dizer “Maria ligou para Pedro” (telefonar) pode ter significado diferente de “Maria não ligou para Pedro” (ambíguo, com sentido de “telefonar” ou de “dar importância”).

No que diz respeito ao processo de evolução histórica, poderíamos falar em uma mudança de significados, que partiria do verbo “ligar” com estados-de-coisa [- controle]

para significados mais abstratos como verbo de cognição/percepção. Nos termos de Traugott & Dasher (2000), tem-se um ganho de subjetividade, num possível *cline*:

CONCRETO	>	ABSTRATO
sujeito [- humano]		sujeito [+ humano]
		(verbo de cognição/percepção)

3.2 PERÍFRASE VERBAL (ESTAR + LIGADO):

Em outro estágio de mudança linguística, o verbo “ligar” aparece conjuntamente com o verbo “estar” na forma de perífrase. Neste caso, pode haver ou não a redução fonológica do verbo “estar”, passando a ser usado como “tá”.

No Corpus Informatizado do Português Medieval, não foi encontrada nenhuma ocorrência do verbo “ligar” no particípio ou associado ao verbo “estar”. Já no Corpus do Português, foram encontradas 114 ocorrências do verbo conjugado, sempre na terceira pessoa do singular, “está ligado”, dentre essas, apenas 4 em textos do século 19, e o restante em textos do século 20; foram encontradas 29 ocorrências de “estar ligado” (no infinitivo), dentre essas, apenas 2 no século 19 e o restante no século 20.

Com relação aos usos, encontramos “estar + ligado” com diferentes formas e diferentes significados. Primeiramente, no Corpus do Português, encontramos ocorrências de “ligado” como adjetivo, com sentidos de “funcionando” e “relacionado”, respectivamente:

(10) (...) e que acendem quando o controle remoto **está ligado**. (Led, s/d, Século 20)

(11) Percebo que tudo isto **está ligado**, como é necessário que todas as coisas se completem. (Helberto Helder, s/d, Século 20)



No mesmo *corpus*, foram encontradas ocorrências de “está ligado” com complementos preposicionados em textos do século 19 e, em sua grande maioria, do século 20. Tais complementos aparecem na forma de sintagmas introduzidos pelas preposições “a”, “por” e “com”. Nos textos do século 19, há 4 ocorrências, sendo três delas com sintagmas preposicionais diferentes:

(12) um velho respeitável, encanecido da engenharia, e cujo nome **está ligado a** muitas obras notáveis de seu país. (Adolfo Caminha, No país dos ianques)

(13) Bem vejo que o nosso velho e ilustre cacique **está ligado por** promessas sagradas, que não podem ser violadas sem desonra sua. (Bernardo Guimarães, O ermitão do Muquém).

(14) O chefe do nosso partido **está ligado com** um membro do partido contrário. (Joaquim França Junior, Como se fazia um deputado).

Neste mesmo *corpus*, encontramos uma ocorrência em que “está ligado” aparece juntamente com sintagmas adverbiais de lugar:

(15) Na cabeça **está ligado** um par de antenas longas e o aparelho bucal é do tipo picador-sugador. (Percevejo Fedorento, s/d, Século 20).

Dentre as músicas observadas, também encontramos o mesmo caso, com advérbios de lugar e perífrase com sentido de “unir, pôr em contato”:

(16) Se **tá ligado** aqui na terra. **Tá ligado** lá. Essa corrente é muito forte. Deus vai responder. (Tá ligado, Breno Cesar)

Em outro estágio de mudança, com relação às músicas de RAP e *funk* e a fala de Mano Brown, representantes da variedade falada na periferia paulistana, encontramos usos de “tá ligado” como verbo de percepção/cognição, com sentido de “perceber” ou

“entender”, como nos exemplos abaixo. Dentre as ocorrências encontradas, o exemplo mais antigo é o que aparece em (17), na letra do grupo de RAP Pavilhão 9, numa música de 1994.

(17) Não jogo conversa fora e você **tá ligado**. (Pavilhão 9, Apaga o baseado)

(18) aí é o seguinte... pra quem **n’um tá ligado**... pra quem tá chegano agora... queria que você falasse uma coisa... sua carreira particular que é sua... voz... você desenvolvia... a voz na época do S.N.J através de um personagem... do desenho (Mano Brown – Programa Manos e Minas)

(19) Será que você **está ligado**? Se você não tá, vamo acordar! (Tá ligado, Lucas Guedes)

(20) Os irmãos tá preparado, Nextel e 12 molas. Se tu não **tá ligado**, o dinheiro dele é dólar. (Tudo nosso, MC Ticão)

Podemos afirmar que, nessas últimas ocorrências, “tá ligado” deixa de funcionar como perífrase e assume o valor de uma construção mais complexa, em que “tá ligado” atuaria como uma forma cristalizada, com função de um único verbo pleno com valores semânticos de cognição/percepção, tal como o verbo “entender” e/ou “perceber”. A partir de teorias que relacionam gramaticalização à gramática de construções (cf. Oliveira, 2013; Traugott, 2008; Noël, 2007), podemos afirmar que os dois verbos se encadeiam, vinculando forma e sentido, para dar origem a uma unidade mais complexa, fenômeno esse chamado de *chunking* (cf. Bybee, 2010).

3.3 ORAÇÃO MATRIZ:

Em outro estágio de mudança, a perífrase verbal “tá + ligado” constitui-se como oração matriz, dando suporte a outras orações encaixadas. No que diz respeito à gramaticalização de orações, a partir do percurso de Lehmann (1988, p.204), notamos

que “tá ligado”, inicialmente, se constitui como uma construção em um predicado independente e passa, então, a funcionar como oração matriz. No entanto, os predicados que deixam de ser independentes para se constituir como encaixadores apresentam sempre verbo com significado de percepção/cognição.

No que diz respeito à evolução histórica e ao aparecimento desta forma linguística, não encontramos exemplos de “tá ligado” funcionando como oração matriz em textos anteriores ao século 20. Mesmo no *corpus* SP2010, não há ocorrências com esse caso de oração matriz, nem mesmo na fala de moradores de periferia menos escolarizados. Todos os dados de “tá ligado” como oração matriz aparecem nas letras de músicas de RAP e *funk*, a partir da década de 1990, havendo uma única ocorrência no Corpus do Português, na fala do vocalista da banda “CPM 22” (banda de rock, formada em 1995 na cidade de Barueri, grande São Paulo), em uma entrevista sem data exata:

(21) Várias bandas boas, você **tá ligado que** tem e que, infelizmente, as gravadoras não pegam todas elas. (Badaui, CPM 22, s/d).

Em um estudo sobre as orações complexas no Português Culto Falado no Brasil, Gonçalves, Souza e Casseb-Galvão (2008) definem uma série de subtipos de orações matriz, no que diz respeito à semântica dos predicados encaixadores e, dentre elas, encontramos os predicados de cognição e de percepção, em que podem ser inseridas as orações com “tá ligado”. No que diz respeito à forma, dentre os exemplos de oração matriz encontrados nas letras de músicas, teríamos dois subtipos:

a) Oração matriz + Oração encaixada introduzida por “que”:

(22) Você **tá ligado que** meu som é sem caô. Fica na escuta que é Leozinho fazendo o Show. (Bateu uma saudade dos irmãos no sofrimento, MC Leozinho).

(23) O Mc. Júnior **tá ligado que** ela não tá de bobeira. Quando toca um raggaeton ela dança a noite inteira. (Cachorrete, MC Leozinho).

b) Oração matriz + Oração encaixada introduzida por “como”:

(24) Aí, mais um ano se passou em tio, muita coletividade na quebrada. Ce tá ligado como é, num é? (Se o mundo acabar, Rashid)

(25) A tendência é piorar, tá ligado como é. Na quebrada o de menor bota os marmanjos pra correr. (Di Menor I, Pacificadores)

Ainda com base no estudo de Gonçalves, Souza e Casseb-Galvão (2008), podemos observar que os predicados encaixadores apresentam valores preposicionais de factividade, ou seja, “o complemento é entendido pelo ouvinte, e assumido pelo falante, como um fato verdadeiro” (op. cit., p.1048).

Também Vendrame (2009, 2010) aponta predicados encaixadores com verbos de percepção com valores evidenciais. A partir da tipologia dos evidenciais propostas por Vendrame (2009), podemos dizer que orações encaixadoras com “tá ligado que/como” expressariam evidencialidade indireta inferida, uma vez que não há explicitação da fonte da evidência e pode-se inferir que o falante teve acesso direto à informação presente em sua proposição.

3.4 MARCADOR DISCURSIVO:

Ao atuar num nível extra-gramatical, “tá ligado” passa por outro estágio de mudança linguística, assumindo a função de marcador discursivo interacional (cf. Mariano, 2014). Assim como as orações matrizes, o aparecimento e uso de “tá ligado” como marcador discursivo é algo bem recente. Nos *corpora* e letras de música pesquisados não há ocorrências deste MD anteriores à década de 1990. A emergência desse MD parece ter acontecido em um contexto de criação/consolidação de uma identidade social periférica. Historicamente, a formação dessa periferia paulistana se dá na segunda metade do século 20, graças ao inchaço urbano e crescimento populacional desordenado, criando bairros sem ou com pouca infraestrutura. O RAP, movimento que dá voz a esses moradores, chega às gravadoras no início da década de 1990. Nesse contexto, a música que registra, pela primeira vez, o MD “tá ligado” é “Ninguém sabe”, de Thaíde e DJ Hum, num disco lançado em 2000, como se vê abaixo:



(25) Outro dia ligaram lá da cadeia pra mim: “e aí, Thaíde, meu irmão, demorou de colar aqui, **tá ligado?** (Ninguém sabe, Thaíde e DJ Hum)

Interessante notar que, em letras de RAP anteriores a essa, como observamos no exemplo (17), de 1994, do Pavilhão 9, já ocorria a construção “tá ligado”, mas não como MD, o que faz supor que o uso extra-oracional se constitui, historicamente, como uma fase posterior de mudança linguística.

Outro aspecto social relacionado a esse MD é que, além de marcar a identidade dos “manos”, seu uso poderia indicar (cf. Eckert, 2012; Silverstein, 1976) uma identidade masculina e não feminina, talvez pela própria natureza do RAP e do *funk*, por serem cantados por homens (só mais recentemente que mulheres passaram a assumir o papel de *rappers* ou de *funkeiras*).

No que diz respeito aos seus usos e funções, conforme a classificação de MD interacionais proposta por Guerra (2010), podemos identificar “tá ligado” com função de *checking*, ou checagem da informação, caracterizado por expressar uma orientação por parte do falante em direção ao ouvinte, através da busca de uma aprovação discursiva. Tais tipos de marcadores são também denominados por Urbano (1994) e Freitag (2008) de RAD (Requisito de Apoio Discursivo).

Nas letras de músicas e na entrevista consultada, encontramos exemplos de “tá ligado” como MD interacional de checagem de informação, como os casos abaixo:

(26) Olha, por incrível que pareça, você encontra muita sabedoria dentro desses lugares aí. Dentro de presídio, dentro de cadeia. Você encontra sabedoria, você encontra inteligência acima do normal até porque é naqueles momentos que o homem, ele realmente se descobre. **Tá ligado?** (Mano Brown, Entrevista ao Roda Viva, TV Cultura).

(27) Ae mano, aqui quem tá falando é o MC Ticão e meu mano Frank, **tá ligado?** O Rio é tudo nosso, representa aí, mano Frank. (Tudo nosso, MC Frank).

(28) Olha pros seus amigos, pra sua família. Se vai abrir uma garrafa, então abra pelo motivo certo, **tá ligado?** (Se o mundo acabar, Rashid).

Podemos notar que, do ponto de vista de sua posição com relação ao segmento tópico e/ou à proposição, o MD “tá ligado” sempre ocupará uma posição final, podendo ser apontada na forma do esquema: ST, MD. Nota-se também que há uma diferença prosódica entre o ST e o MD “tá ligado”, em que o marcador, por sua natureza interacional de checagem, apresenta uma entonação interrogativa.

A força ilocucionária interrogativa da proposição, bem como a natureza interrogativa do MD de *checking*, nos faz pensar numa relação de mudança linguística de proposições interrogativas para MDs interacionais dessa natureza. Podemos observar o uso de “tá ligado” como proposição com força ilocucionária interrogativa na ocorrência abaixo:

(29) Que você tem de viver, é um dom que você recebe pra sobreviver, história chata, mas você **tá ligado**? (Mágico de OZ, Racionais).

Silva e Santos (2015) apontam o processo de gramaticalização/discursivização de perguntas retóricas para a formação de MDs. Outros trabalhos, como o de Sambrana (2017), relacionam mudança linguística de verbos de percepção visual (olhar e ver) para MD. Poderíamos dizer, então, que a origem do MD “tá ligado” pode estar relacionada tanto à evolução de proposições interrogativas para MD de *checking*, como à evolução da construção “tá ligado” como verbo de percepção/cognição em direção ao uso como MD.

Ainda com relação aos usos desse MD, também encontramos exemplos de “tá ligado” combinado com outros marcadores discursivos com outras funções interacionais diferentes. É comum, por exemplo, que MD de *checking* apareçam conjuntamente com marcadores interpelativos como “meu” e “mano”, tal como no exemplo abaixo:

(30) **Tá ligado**, mano? **Tá ligado**, mano? Tudo que você faz aqui tu vai pagar logo ali. (Tá ligado, mano?, MC Duskara).

Há casos, porém, que podemos dizer que o MD “tá ligado” se une a outros marcadores discursivos, constituindo-se como um único marcador mais complexo, como é o caso abaixo:

(31) **Tá ligado**, não? Tô não. (Tá ligado, não?, MC Leozinho)

Há ainda um último caso em que “tá ligado” aparece combinado com MD interacionais de checagem, mas tendo sua função como marcador discursivo pode ser questionada. É o caso do exemplo abaixo:

(32) Dj Ga, **tá ligado**, né pai? (Cilada, MC Kevin)

Neste caso, podemos dizer que não se trata de dois MDs sobrepostos, mas sim de um caso de “tá ligado” como uma proposição, tendo um MD interacional ocupando a posição final.

4. PROCESSOS DE MUDANÇA DE “TÁ LIGADO”: UMA PROPOSTA

A partir dos diferentes usos de “ligar” à “tá ligado” na língua portuguesa, podemos discutir, então, quais processos estariam envolvidos na mudança do verbo pleno até o uso de “tá ligado” como marcador discursivo. Podemos também elencar os diferentes processos de mudança linguística para a formação de “tá ligado” como marcador discursivo, em diferentes níveis:

Nível linguístico	Processos de mudança
Mudanças semânticas	Metáfora do verbo ligar: concreto > abstrato
Mudanças sintáticas	Verbo pleno > perífrase verbal > microconstrução (forma cristalizada)
	Predicado independente > oração matriz



Mudanças discursivas	Ato de fala com pergunta retórica > MD
	Microconstrução com verbo de percepção/cognição > MD

Ao se pensar em uma periodização no processo de formação do marcador “tá ligado”, podemos tentar estabelecer os diferentes momentos históricos em que essas mudanças ocorreram. No caso do verbo pleno “ligar”, temos uma mudança semântica de um sentido [+ concreto] para o [+ abstrato], em que “ligar” vem assumindo usos como verbo de percepção/cognição. Tal processo de mudança semântica, com base no *corpus* analisado, passou a ocorrer a partir do século 20. Como apontado, nos termos de Traugott & Dasher (2000), há um ganho de subjetividade, uma vez que tais ganhos de sentido se associam com as atitudes do falante.

No caso do uso da forma “estar + ligado” podemos verificar, como mostra Lehman (1985, 2002), os processos de atrição, com a perda fonológica em “tá”, e de paradigmática, em que o verbo ligar passa a integrar-se como forma perifrástica. O uso como perífrase pode ter ocorrido a partir do século 19, tal como observado nos *corpora*. Observamos também o processo de *chunking* (cf. Bybee, 2010), dando origem a uma microconstrução, processo que também parece ter se originado na segunda metade do século 20.

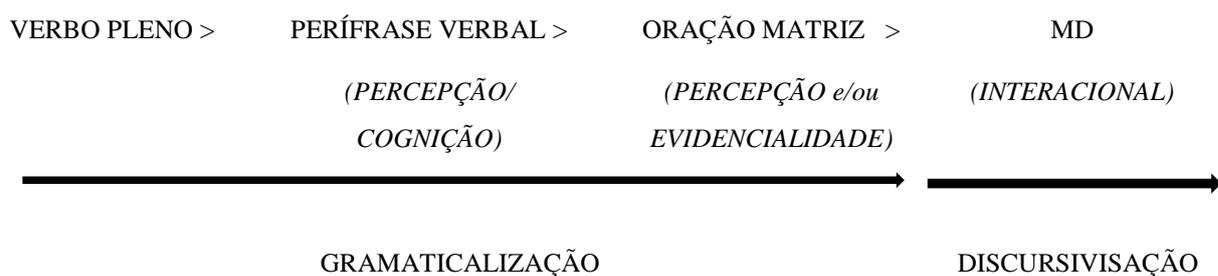
O processo de mudança de formas gramaticais em orações matrizes também está inserido no processo de gramaticalização. Assim como propõe Lehmann (1988, p.204), um predicado independente pode passar a funcionar como oração matriz. No caso de “tá ligado”, a oração independente com perífrase verbal passa a exercer o papel de oração encaixadora também a partir da última década do século 20.

Os MD têm origem a partir de construções em que “tá ligado” atua com significado de percepção/cognição (cf. Valle, 2000, 2014 e Sambrana, 2017), podendo ser expresso no padrão $V_{p/c}(X)^{md}$, assim como também de orações independentes com força ilocucionária interrogativa. Tal processo de mudança, a partir dos *corpora* analisados, parece ter se originado a partir da década de 1990 e início dos anos 2000.

A mudança de verbo pleno, passando por perífrase verbal até se chegar à forma de oração matriz é típica do fenômeno da Gramaticalização (cf. Lehman, 1985, 2002, Hopper, 1991, 1996). No entanto, no que diz respeito à formação de “tá ligado” como marcador discursivo, temos um fenômeno distinto, uma vez que tal constituinte opera fora do âmbito da gramática, expressando relações interacionais entre falante e ouvinte. Temos, aqui, então, uma direcionalidade do processo de mudança que parte do léxico, rumo à gramática e em direção ao discurso, vindo de encontro ao *cline* que Martelotta et al. (1996) propõem:

LÉXICO > GRAMÁTICA > DISCURSO

De forma semelhante, também Traugott (1982) propõe um *cline* que, de certa forma, explica esses diferentes níveis de atuação das formas linguísticas, partindo de um nível proposicional, passando pelo nível textual, até se chegar ao discurso. No entanto, não concordamos com a autora ao dizer que todas essas etapas fazem parte única e exclusivamente da gramaticalização. Também Lichtenberk (1991 apud TRAUGOTT, 1995), afirma que “a gramática molda o discurso, e o discurso por sua vez molda a gramática”. Propomos, então, um *cline* de mudança de “tá ligado” em que os dois fenômenos são contemplados distintamente:



CONCLUSÃO

Neste trabalho, inicialmente, buscamos discutir o conceito de marcador discursivo no interior de diferentes referenciais teóricos, a fim de delimitar o estatuto categorial de “tá ligado”, o que determina também o modo como se compreende seu



processo de mudança linguística. A partir de concepções da Linguística Textual-Interativa, “tá ligado” pôde ser classificado como um marcador discursivo interacional com funções de checagem da informação (cf. Guerra, 2010).

Uma vez entendido de tal forma, como tendo funções relacionadas ao gerenciamento da interação, é possível inseri-lo em uma teoria, dentre várias, que tente explicar os processos de formação de categorias que operam de forma extraoracional, num nível discursivo. Compreendemos, assim como Martelotta et al. (1996) e Valle (2000), que gramaticalização e discursivização são fenômenos distintos, sendo que a gramaticalização explicaria fenômenos num nível gramatical e a discursivização daria conta de fenômenos de natureza discursiva.

Finalmente, propomos que os processos de mudança do verbo pleno “ligar”, formando perífrases com o verbo “estar” e microconstruções (cf. Traugott, 2008), para, posteriormente, passar a operar como oração matriz, constitui o que autores como Lehman (1985), Hopper (1991) e Traugott (1995) chamam de gramaticalização. Por outro lado, o processo de mudança de “tá ligado” como marcador discursivo constitui o que autores como Martelotta et al. (1996) e Valle (2000) chamam de discursivização.

Historicamente, as mudanças semânticas do verbo ligar para verbo de “percepção/cognição”, a partir do século 20, permitiram uma série de outras mudanças construcionais e funcionais de “tá ligado”. Todos esses aspectos linguísticos podem estar diretamente relacionados aos aspectos sociais de formação de um registro linguístico típico de falantes cuja identidade é reconhecida como “manos”, moradores de periferia com características estilísticas específicas. Graças a essa identidade social e linguística, “tá ligado” passa a assumir a função de marcador discursivo a partir da última década do século 20.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTES, A. C. “É nós na fita”: A formação de registros e a elaboração de estilos no campo da cultura popular urbana paulista. Projeto de Pesquisa financiado pela FAPESP. Proc. 2009/083639-9, 2009a



_____. **Tudo que é sólido desmancha no ar: sobre o problema do popular na linguagem.** Gragoatá (UFF), v. 27, p. 12-47, 2009b

BENTES, A. C.; MARIANO, R. D. **A linguagem dos manos: é possível falar em um registro popular paulista?** IN: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

BENTES, A.C.; MARIANO, R. D.; SILVA, B. F.. **Marcadores Discursivos e Sequências textuais no programa 'Manos e Minas': uma análise inicial para a tipificação do programa em relação a aspectos textuais-discursivos.** *Sociodialetto* (Online), v. 3, p. 239-265, 2013.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTILHO, A. T. **Abordagem Multissistêmica: Análise de Casos.** Mimeo. Minicurso do 62º Seminário do GEL, Campinas: UNICAMP, 2014.

_____. **Mudança linguística multissistêmica.** In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos (Orgs.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 505-518.

_____. **Proposta funcionalista de mudança linguística. Lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização das preposições do eixo transversal no Português Brasileiro.** In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (Orgs.) *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador, EDUFBA, 2006. p. 223-296.

_____. **Unidirectionality or Multidirectionality: Some issues on Grammatization.** *Revista do GEL*, Araraquara, 2004

_____. **A Gramaticalização.** *Estudos Linguísticos e Literários* n ° 19: 11 – 24, março, 1997.

CASTILHO, A. T., FERNANDES, F. O. **Analizando multissistemicamente o verbo ficar na história do português paulista.** *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, 2012.

DAVIES, M. & FERREIRA, M. **Corpus do Português.** (45 milhões de palavras do século XV a XX). 2006 Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/>. Acessado em 8 de janeiro de 2018.

DEGAND, L., EVERS-VERMEUL, J. **Grammaticalization or pragmaticalization of discourse markers? More than a terminological issue.** *Journal of Historical Pragmatics*, 16:1, 2015

DETGES, U.; WALTEREIT, R. **Grammaticalization and Pragmaticalization.** IN: DETGES, U.; WALTEREIT, R. *The Paradox of Grammatical Change: perspectives from Romance*. Amsterdam: John Benjamins, 2008



DIK, S. **The Theory of Functional Grammar**. Pt. I – The structure of the clause. New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

_____. **The Theory of Functional Grammar**. Pt. II – Complex and derived constructions. New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation.” **Annual Review of Anthropology**, vol. 41, 87–100, 2012

_____. **Style and social meaning**. In: ECKERT, P. & RICKFORD, J. R. *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001

_____. **Linguistic Variation as Social Practice: The Linguistic Construction of Identity in Belten High**. Oxford: Blackwell, 2000

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRASER, B. **What are Discourse Markers?** *Journal of Pragmatics*, 31, 1999, p. 931-952

_____. **An Account of Discourse Markers**. *International Review of Pragmatics*, v 1, 2009, p. 293–320

FREITAG, R. M. K. **Marcadores Discursivos Interacionais na fala de Itabaiana/SE**. *Revista do GELNE*, v.10, 1,2, 2008

FURKÓ, B. P. **Cooptation over grammaticalization: the characteristics of discourse markers reconsidered**. *Argumentum* 10, 289-300, 2014.

GIVÓN, T. **A Compreensão da Gramática**. São Paulo: Cortez, 2012.

GÖRSKI, E. M. VALLE, C. R. M. **Variação discursiva: procedimentos metodológicos para delimitação do envelope de variação**. In: FREITAG, R. M. K. et al. *Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos*. São Paulo: Blusher, 2014

_____. **Marcadores em competição no domínio funcional da “Requisição de Apoio Discursivo”**. In: C. M.; C. A. F. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mario Martelotta*. Rio de Janeiro: Maud X/FAPERJ, 2013.

GONÇALVES, S. C. L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil**. Tese de Doutorado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem – IEL. UNICAMP, 2003

GONÇALVES, S. C. L., SOUZA, G. C., CASSEB-GALVÃO, V. **As construções subordinadas substantivas**. IN: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp, 2008

GUERRA, A. R. **Funções Textuais-interativas dos Marcadores Discursivos**. Dissertação de Mestrado. São José do Rio Preto: UNESP/IBILCE, 2007

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1994.



- HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, H. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976.
- HEINE, B. **Discourse Markers and Grammaticalization**. Mimeo. Workshop sobre Gramaticalização. Universidade Federal Fluminense (UFF), 2014
- HEINE, B. **On discourse markers: Grammaticalization, pragmaticalization, or something else?** *Linguistics* 51, 6: 1205-47. 2013
- _____. **Grammaticalization**. In: JOSEF, B. D.; JANDA, R. *The handbook of historical linguistics*. Blackwell Publishing, 2003.
- HEINE, B. et al. **Grammaticalization: a Conceptual Framework**. Chicago: University of Chicago: 1991a
- HEINE, B. et al. **From Cognition to Grammar – Evidence from African Languages**. IN: TRAUGOT, E. & HEINE, B. (eds.) **Approaches to Grammaticalization**. v.1. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991b, p. 149-187.
- HOPPER, P. **Some trends in Grammaticalization**. *Annu. Rev Anthropol.*, 1996, 25: 217-36.
- _____. **On Some Principles of Grammaticalization**. IN: TRAUGOT, E. & HEINE, B. (eds.) **Approaches to Grammaticalization**. v.1. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, p. 17-34
- HOPPER, P., TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: CUP, 1993.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008
- LEHMANN, C. **Gramaticalization: Synchronic Variation and Diachronic change**. *Lingua and Stile* 20, n.3, 1985
- MARIANO, R. D. **Marcadores Discursivos e sequências textuais: uma análise de ações de textualização em programas midiáticos**. Dissertação de Mestrado. IEL/UNICAMP. Campinas, 2014.
- MARTELOTTA, M. E. **Usos do marcador discursivo tá?** *Revista Veredas, Juiz de Fora*, v.1, n.1, 2009
- MARTELOTTA, M. E. ET AL. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- MEILLET, A. **Évolution des formes grammaticales** IN: *Linguistique historique et Linguistique générale*. Paris: Honoré Champion, 1948.
- NOËL, D. **Diachronic construction grammar and grammaticalization theory**. *Functions of Language*, Amsterdam, n.14, v.2, 2007
- OCAMPO, F. **Movement Towards Discourse is not Grammaticalization: The Evolution of claro from Adjective to Discourse Particle in Spoken Spanish**. Selected Proceedings of the 9th Hispanic Linguistics Symposium, Somerville, MA: Cascadilla Proceeding Project, 2006.



OLIVEIRA, M. R. **Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas.** Estudos Linguísticos, São Paulo, 42 (1), p.148-162, jan.-abr. 2013

PENHAVEL, E. **O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum?** Revista (CON)TEXTOS Linguísticos, Vitória, v. 6, n.7, 2012

_____. Marcadores discursivos e articulação tópica. Tese de Doutorado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), UNICAMP, 2010

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O. e URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. (org.). Gramática do português falado. Vol. VI. Campinas, Ed. da UNICAMP/FAPESP, p.21-59, 1996

SAMBRANA, V. R. M. **Marcadores Discursivos formados pelos verbos perceptivo-visuais olhar e ver: uma abordagem constructional.** Dissertação de Mestrado. UFF (Universidade Federal Fluminense). Niterói, 2017.

SILVA, S. R, SANTOS, J. C. L. **Perguntas retóricas: entre a gramaticalização e a discursivização.** Revista Veredas. Volume 19, número 2. 2015.

SILVERSTEIN, **Shifters, linguistic categories and cultural description.** IN: BASSO, K. e SELBY, H. (eds.), Meaning in Anthropology School of American Research, 1976.

SHIFFRIN, D. **Discourse Markers: Language, Meaning, and Context.** IN: SHIFFRIN, D et al. The Handbook of Discourse Analysis. Oxford: Blackwell, 2001.

TRAUGOTT, E. **From Propositional to Textual and Expressive Meanings: some Semantic-pragmatic Aspects of Grammaticalization.** IN: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (orgs). **Perspectives on Historical Linguistics.** Amsterdam: John Benjamin, 1982

_____. **The Role of Development of Discourse Markers in a Theory of Grammaticalization.** ICHL, XII, Manchester, 1995

_____. **Gramaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English.** IN: ECKARDT, R.; JAGER, G.; VEENSTRA, T. **Variation, Selection, Development-Probing the Evolutionary Model of Language Change.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008

TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.) **Approaches to Grammaticalization.** v.1. e v.2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991

TRAUGOTT, E. & DASHER, R. B. **Regularity in Semantic Change.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000

VINCENT, D.; VOTRE, S.; LAFOREST, M. **Grammaticalisation et postgrammaticalisation.** In: Langues et Linguistique, n. 19, p. 71-103, 1993

VALLE, C. R. M **Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas,**



estilísticas e identitárias em competição. Tese de Doutorado. UFSC, Florianópolis, 2014

_____. Sabe? Não tem? Entende?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos. Dissertação (Mestrado em Linguística). Curso de Pósgraduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001

_____. **Marcadores discursivos: considerações sobre os limites entre a gramaticalização e a discursivização.** In: **Working Papers em Lingüística**, 4. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

VENDRAME, V. **Os verbos ver, sentir e ouvir e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa.** Tese de doutorado. São José do Rio Preto: UNESP/IBILCE, 2010

_____. **Os predicados encaixadores na expressão da evidencialidade.** IN: PEZATTI, E. G. Pesquisas em Gramática Funcional: Descrição do português. São Paulo: Ed. Unesp, 2009

Recebido Para Publicação em 03 de fevereiro de 2020.

Aprovado Para Publicação em 30 de março de 2020.